



Gaiato

31 DE AGOSTO DE 1974

ANO XXXI — N.º 795 — Preço 2\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Aqui, Lisboa!

Não tem avaliação possível o que o País deve à iniciativa particular, mormente no que diz respeito às Obras ditas confessionais, em matéria de assistência e aparentadas. Desconhecer esta realidade seria trágico e desolador, com implicações difíceis de prever. Creches, jardins de infância, instituições para jovens e pessoas idosas, organismos de recuperação e de promoção humana, actividades situadas nos mais variados planos e sectores,

têm dado um contributo incalculável para a mitigação ou solução das inúmeras carências ou dificuldades existentes. Olvidar este contributo da actividade particular seria, para além de injustiça inqualificável, um atentado contra aqueles que só no espírito de generosidade ou de caridade cristã encontram resposta aos seus anseios ou dificuldades.

Ao Estado compete, evidentemente, procurar resolver, por

um sistema de segurança social adequado, tudo o que concerne ao bem-estar dos seus cidadãos. Do que duvidamos é que se possa algum dia prescindir da actividade particular para preencher as lacunas existentes, ou o que a própria natureza e o evoluir das coisas vai acrescentando. Não é por simples decreto ou por mera legislação que os homens cumprirão os seus deveres ou que aparecerão «samaritanos» capazes de arcar com as responsabilidades, os trabalhos e os sacrifícios inerentes ao muito que haverá sempre a fazer ao

Cont. na QUARTA página

Notas do tempo

● Eu cuido que a literatura jornalística deveria ter um estilo substantivo. Informar é dizer o que é, o que aconteceu, o que se prevê que aconteça: factos, ditos autênticos..., realidades. Para tanto não me parece necessário um uso indiscreto de adjectivação.

Mesmo no jornal de opinião, o essencial é reflectir sobre esses mesmos factos e ditos — e ainda aí são as ideias que contam, os juízos de valor. Já o adjectivo terá um pouco mais razão de ser, mas com sobriedade.

Não é assim. A prosa jornalística foi, desde que me conheço, infestada pelo adjectivo escusado e, quantas vezes, inoportuno. Até há meses era o qualificativo sabujo, a louvaminha chocante. Agora, inverteu-se o sentido, mas o hábito permanece.

Penso que ao grau de cultura do jornalista equivale um sentido deontológico, uma sensibilidade estética, um cariz de nobreza que haveria de levá-lo a repugnar a exaltação intempestiva de quem está como o bater indiscriminado em quem caiu. Não é assim. É pena. É feio.

● Destruir é fácil. Não exige especialização. Ainda agora, nas obras de renovo que nos ocupam, aproveitamos o verão, com a mão de obra abundante dos estudantes em férias, para toda a prévia demolição indispensável. Disso são eles capazes. Construir é com os artistas, que se fizeram tal ao longo de muitos anos.

Doi-me a vaga de demolidores que se quebra sobre as areias do passado. Há tanto que fazer! Tanto a reclamar as energias de todos conforme à capacidade de cada um! E será que no muito que se vai realizar não entrará o erro, atributo inseparável do homem?! E será que, aceitando esta condição, se deixaria de caminhar porque é sabido não ser o óptimo meta ao alcance dos homens?!

Certamente que não. Temos de andar em frente, na busca decidida do acerto, sofrendo embora as falhas da nossa limitação. É precisa a Humildade. É urgente uma sã confiança em nós-próprios, fundada sobre perene vigilância sobre os nossos defetos dominantes. Assim se forjará a nossa confiança nos outros, sem os quais é impossível qualquer obra válida à dimensão das necessidades do País. Que não haja segundos-sentidos nos homens responsáveis e em todos os que se oferecem disponíveis para alguma responsabilidade. Que a recta intenção de cada um esteja na base de toda a acção.

Assim, decerto construiremos uma Pátria melhor.

● O fado é um sinal português?... Pois que seja — e não haverá grande mal!

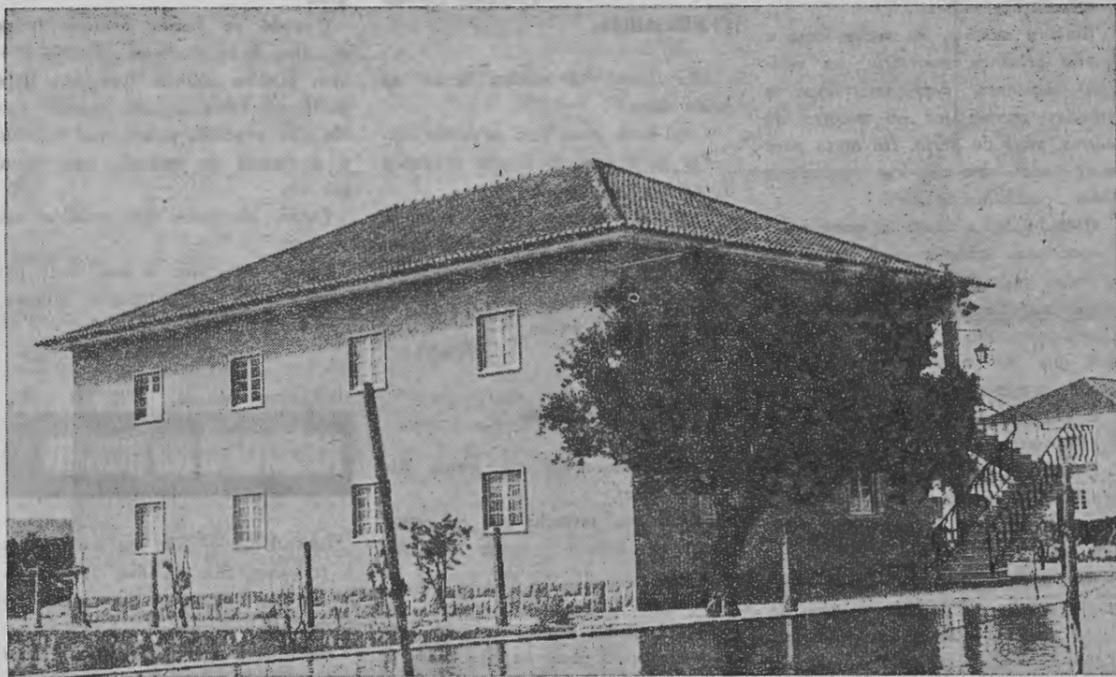
De lamentar é o faduncho — aquele que canta pelas esquinas o homem que morreu de baixo do comboio e os «desgraçadinhos» que deixou na orfanidade.

O coração sem cabeça é estéril. Os apelos ao sentimentalismo do Povo são ultraje ao Povo.

Pois é espectáculo quase quotidiano nos nossos periódicos. Fazer «heróis», talvez «santos»..., é especialidade do momento. E sabe-se como

Padre Horácio

Cont. na QUARTA página



Mais um tecto para o «Lixo» das ruas, na Casa do Gaiato de Lisboa (Tojal), cuja Aldeia cresce e, na mesma proporção, a nossa cruz.

Tribuna de Coimbra

● Tenho pena de não ter uns diñhas livres para os passar à beira-mar a participar da alegria dos Rapazes.

O acolhimento da nossa casa nova — casa que é fruto dum ano de trabalho aturado e persistente, trabalho amoroso e generoso, trabalho sem horas e horas sem conta, onde cada um de nós pôs o melhor que tinha e sabia — faz-nos esquecer as fadigas do ano e até o extenso areal que nos avizinha.

No primeiro grupo estiveram

os mais pequeninos. Estiveram um mês. O Pedrinho, com seus três anitos e cabeleira farta, loira-branquinha e Joãozinho com olhos muito brilhantes e cabelos cheios de caracois, próprios da sua raça maconde e cor preta, foram o centro de atracção de toda a gente. Olha um pretinho tão lindo! — ouvíamos exclamar muitas vezes. O Joãozinho, agora com oito anos, é sempre o mais jeitoso para acolher os mais pequeninos. Já assim foi com o «Pre-

tito», a quem o Joãozinho chama **mano**.

● Fica-nos sempre na alma a imagem do Joãozinho a dar a mão aos mais pequeninos. Não há raças, nem cores. Há pessoas.

Doem-nos tanto as notícias que vão chegando de lutas sangrentas na hora que todos há tanto ansiamos que seja de paz. Em vez de construirmos o futuro em paz e amor estamos a criar maior ambiente de dis-

córdia e de ódio. Desejamos novas nações onde todos se amem como irmãos e construam uma sociedade livre e feliz e temos de comer pó da guerra e beber sangue de chacinas.

E o Joãozinho continua de mãos dadas aos outros a convidar e a dizer que é possível e necessário que pretos e brancos vivam como irmãos, tendo todos os mesmos direitos, merecendo todos o mesmo respeito.

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

APICULTURA — São poucas as vezes que vos falo deste nosso sector. Por isso mesmo me resolvi uma vez mais a comunicar-vos como se têm portado as nossas incansáveis abelhas.

O ano passado, a colheita de mel foi um pouco fraca. Mas disso não têm elas culpa. As condições em que trabalhavam não eram as melhores.

Por tal motivo, e com certeza devem estar recordados, fiz aqui um apelo para ajudar a resolver algumas necessidades da nossa apicultura. Fomos prontamente atendidos e podemos, assim, fazer algumas mudanças de quadros de cera e de caixas de luselite. Comprámos, também, mais algum material necessário para a tiragem do mel. E assim, com todos estes melhoramentos, conseguimos «espremer» dos favós, nada mais, nada menos do que 150 quilos de mel. Foi boa, não foi? E o mel que é tão bom agora no Verão!

Obrigado a todos, pela vossa tão querida ajuda.

FUTEBOL — Apesar de ter insistido, várias vezes, no pedido de alguma equipa para nos defrontar, ainda ninguém apareceu!

Entretanto, foi atendido o pedido do nosso chefe de departamento. Já nos ofereceram duas bolas de couro. Em nome de todos, muito obrigado.

ANO LECTIVO — É certo que o novo ano lectivo está quase à porta, mas vou falar do que passou.

Não foram muitos os estudantes este ano, assim como também não foram grandes os resultados (notas) obtidos. Vamos com Deus, pois poderia ter sido pior...

As passagens administrativas não beneficiaram nenhum, mas da dispensa com 10 valores já não se pode dizer o mesmo.

Dois fizeram a Telescola. Outros dois acabaram a 6.ª classe. Ainda outros dois, passaram do 1.º para o 2.º ano do Curso Comercial. Aqui já entrou a tal dispensa de 10 valores. Outro concluiu o Curso Comercial, ligeiramente beneficiado, também, pelo dez.

Há a lamentar uma reprovação, no 3.º ano deste mesmo curso, após várias tentativas para fazer duas cadeiras.

Esperemos que o novo ano possa não ser manchado, e que os frutos melhorem.

Agora, uma pequena pergunta: Será que as modificações introduzidas *ad-hoc* nos vários gansinos, vêm de facto melhorar as condições, os conhecimentos e a vontade de valorização da nossa camada estudantil?

Agora que se fala tanto de liberdade, parece-me oportuno discordar de tais modificações, não na sua totalidade, mas pelo facto de terem sido introduzidas repentinamente.

Há apenas que apelar para a consciência e para o bom senso de cada um. Chegaremos assim ao ponto em que a sociedade terá de se defender de elementos tão fracamente formados.

SAPATOS — Precisam-se. Sim, precisamos de calçado a condizer com a época, e nas medidas habituais: entre os 33 e os 37. Se acaso tiverem por aí sapatos que já não usem, e em especial nas medidas indicadas, nós aceitamo-los, pois com certeza que para andar por cá ainda servirão. Obrigado.

Jorge

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É um Doente, que tem os seus direitos. Mas quase analfabeto. Velho. Pobre. E, daí, foi jogado — há muito tempo — uma, duas vezes..., no pano verde do bilhar da Assistência pública.

— Já não tem cura... — diziam. A chaga alastrou. A perna desfalceceu. Os nervos atrofiaram.

Recentemente — sem fazer ondas — quando topámos esta miséria, preparámos logo terreno para o sr. José testemunhar cidadania.

— Agora, V. vai a outro lado. Não como Indigente, mas beneficiário. E mais perto.

— Não vale a pena (...).

— Deve ir à consulta! É doente.

O vicentino, que principiou a visitá-lo, faz pressão. E derruba a inércia motivada por inertes, que seguiam uma espécie de eutanásia — bem mais cruel!

Entretanto, recebemos notícias: — O sr. José já foi ao médico! Faz curativos. Tem melhorado.

«Insistir oportuna e importunamente.» Ensinar a pescar. Difícil, muito difícil a promoção humana e social, por carências de vária ordem — que terão de desaparecer!

● Hoje, o António Neto chama: — Venha lá baixo. É um homem que lhe quer falar.

Desço.

— Olá, sr. José!

Não esperou pela visita habitual. Veio ao nosso encontro! Radiante.

— Tornei o médico. Receitou isto...

Explicámos a aplicação dos remédios. Ouvia. Compreendeu.

— É fácele.

— Deixe ver como está a ferida.

Levanto a calça e a ligadura. Miro.

Remiro. Já não é aquela chaga viva, esponjosa!

— Que tal?

— Os remédios fazem muito bem. Já mexo os dedos do pé!

Descomplexado, sorr. Respira alegria interior. É um homem livre, conhecedor dos seus direitos.

Na bolsa, levou algum receituário. Abonámos a outra parte. E foi à botica pelo seu pé — como um cliente normal.

Por fim, uns minutos agradáveis:

— Sabe?, ajudei a plantar as árvores d'avenida.

O sr. Pad'Américo andou por lá n'altura: — As árvores vingam ou não?

— Adei, respondi, qu'as viradas do

nascente vinham mais cedo.

— Você tem prática disto!

— Desde cachopo...

Especa os olhos no campo de futebol: — Ó qu'empreitada! O qu'a gente práqui suou!...

E Pai Américo veio ao de cima. Como Homem, como Cidadão, como Padre — como revolucionário da Paz.

RECEBEMOS — De «Um Anónimo», cheque de 500\$00. Os habituais 100\$00, de Lisboa. Metade de Braga, assinante 33058: «Como fui aumentado na minha pequena reforma, também quero aumentar a minha boa vontade em socorrer os Pobres». 250\$00 de Espinho, sublinhando: «Conforme as minhas possibilidades vou mandando alguma coisa». Uma nota de 20\$00, envolta numa pagela do grande Bispo D. António Barroso. 150\$00 de um «pobre pecador», de Lisboa. Mafra, 30\$00. Alljó, 50\$00. Chão Verde — Rio Tinto, 40\$00. Metade da «Viúva do Porteiros»: sangue de Pobres! E outra vez Lisboa:

«Saudações em Cristo.

Embora ausente, há meses, com a minha presença monetária, em espírito continuei, pois interrompi a «ronda» porque fui em socorro de outros, mais de perto. Há tanto para onde nos virarmos, se quisermos olhar... com olhos de ver!!

Quanto casos tristes à nossa volta e que nem sabemos qual estará em primeiro lugar? Bem queremos interessar outros à nossa volta, mas egoistamente mudam de assunto ou arranjam um ar muito compungido e lamentam o caso...

E nós ficamos mais tristes por uns e pelos outros...

Envio esta lembrança (100\$00) para remédios destinados aos Pobres da Conferência. Não é muito, mas dado com amor.

Que a Paz do Senhor desça sobre nós e a mim me proteja no meio de tanto desatino que há pelo mundo. Tanta miséria moral que nos põe em dúvida o que será o nosso eu, amanhã!

Deus ama-nos e, assim, esperamos que Ele venha em nosso auxílio com a Sua Graça.

Maria Dacília

Eis uma Mulher cristã, debruçada conscientemente nos problemas morais e sociais! Em muito-pouco, diz muito. Mais 50\$00 da assinante 17022. E é tudo.

Júlio Mendes

AZURARA

Mais uma vez fui o responsável por um turno dos mais pequeninos que tenho durante todo o ano e que considero meus, estimando-os como se fossem do meu sangue.

Eles também terão uma palavra a dizer do que foram, para eles, as férias deste ano:

Fala o Rogélio:

«Eu chamo-me Rogélio e sou ajudante do cozinheiro cá na praia e o meu serviço é fixo, apenas trato da merenda e também dos legumes para o comer e o chefe da cozinha, que é

o Marinho, faz o resto como cozinhar os alimentos, etc.

Tenho gozado muito com o chefe, que se chama Manuel Amândio; mas tudo isto é para me divertir, porque também gosto de brincar um pouco nas horas vagas e também cá tenho tomado uns bons banhos que é do que eu gosto muito.

Passei cá três semanas de férias de que gostei muito.»

Agora, o Fernando Torres:

«Olhem, meus amigos leitores, é a primeira vez que vos escrevo para o nosso Jornal «O Gaiato». E para vos contar um pouco da minha vida na praia onde me encontrei três semanas a gozar férias.

Lá passei quase sempre na brincadeira mas com uma pequena faxina da parte de manhã e, às vezes, ia vender o nosso Jornal nas redondezas de Azurara, onde os despachava todos.

Termo com muitos beijinhos e abraços do vosso amigo

Fernando Torres

O «Batalha»:

«Eu passei as minhas férias na praia assim:

Comi bem, gozei bem as férias, etc. Fui para Vila do Conde vender o Jornal «O Gaiato».

Tivemos connosco uma senhora, chamada Arlete, e tivemos uma grande festa quando festejou os seus anos. Manda um abraço para os nossos leitores o grande amigo

«Batalha»

O Paulo Mendonça:

«Venho contar-vos um pouco das minhas férias.

Foram três semanas que eu estive sempre a brincar e com uma faxina que era de vez em quando ir às compras.

Tomei muitos banhos no mar, mas o que gostava mais era de jogar à bola.

Quanto à comida, era boa. Mas foi melhor quando a Arlete fez anos. Agora, parece-me que na despedida vai ser a mesma coisa.

Despeço-me, desejando-vos também boas férias e com um abraço digo-vos adeus.

Paulo Mendonça

O «Pragana»:

«Queridos leitores!

É a primeira vez que me encontro convosco e, nestas linhas, vou contar-vos um pouco das minhas férias.

Passei três semanas na praia aonde brinquei muito, mas também tinha uma faxina que era lavar a louça.

A maior companhia que eu tive foi do «Gordo» mais do Torres. Certo dia, na praia, fizemos um jogo em que entravam alguns puxões de orelhas. Ora, como o «Gordo» tinha umas orelhas muito grandes, nós resolvemos logo trocar-lhe o apelido. E, assim, ficou a ser «A família das orelhas compridas».

Com isto foram três semanas agradáveis e inesquecíveis.

Para terminar, aqui vão muitos beijinhos para os estimados leitores, deste vosso

«Pragana»

O Jorge:

«Eu gostei muito das minhas férias. Comi bem. E os cozinheiros eram o Marinho mais o Rogélio.

Um dia, fomos ao relvado jogar a bola e, quando estávamos jogando, fiz um golpe no pé direito; tive logo de recorrer ao Hospital de Vila do Conde com o Manuel, o meu chefe, no carro da Arlete.

O dia mais feliz para mim foi quando a Arlete fez anos, porque neste dia fizemos uma festa.

Agora, estou na cama devido ao ferimento do pé. E, no sábado de manhã, tive que ir novamente ao Hospital para mudar de penso. E assim passei as minhas férias.

Um grande abraço do vosso amigo Jorge»

Depois deles, volto novamente, porque no meio disto tudo há também que agradecer à família do Avelino, mais àquelas pessoas que nos acompanharam durante uma parte do nosso turno, dando-nos sempre alegria.

Quando se foram embora todos sentiram a falta destas pessoas. Por isso, a estes também lhes cabe uma parte da nossa alegria, mesmo que ela seja pequena, pois o que importa é a pureza da amizade que temos por vós.

Então, obrigados por tudo e até sempre.

Um abraço meu e dos meus pequenos para os estimados leitores.

Manuel Amândio

IMPANPA DO GORNO

LAVOURA — Não sou muito dado a reflexões, mas há dias fui levado a isso ao olhar a quantidade de batata que colhemos.

Recordei a sementeira: dias difíceis de chuva e com terra empapada em alguns sítios. Mais tarde começavam a vir à superfície as pequenas batateiras, a terra enterrada e rija impedia o seu desenvolvimento e previa-se má colheita. Choveu, souchou-se a terra e quase todas as batateiras nasceram. O tempo ia correndo favorável e a rama verde tornava-se bonita. Mudou-se o palpite. Houve muito escarvalho, mas à base de tratamentos a rama manteve-se. Vieram dias quentes e começaram a amarelecer. Regaram-se e depois veio chuva e quando as batatas deviam amadurecer começou a rama a verdejar. Teve que se cortar por se prever que as batatas estavam a degenerar. Já não fomos a tempo e na primeira colheita houve muita batata miúda. Em outras duas terras tinha sido feita a sementeira mais tarde e não houve degeneração. A rama continuou bonita.

Agora foi a colheita. Veio um grupo de rapazes da praia, de propósito, pois não tinham ainda terminado as férias, para ajudar a colher. Foram dois dias de muito calor e trabalho. Ouviam-se comen-



POBRES

Esperar e reivindicar

Durante muitos anos ele foi ajudado pela nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Era um tempo de vida muitíssimo mais rude!...

No trabalho deu o corpo ao manifesto — até à invalidez! — e mandaram-no embora; a entidade patronal *arrumou-o* para uma borda como um animal decrépito...! Sim; a pensão de reforma era — ainda é! — miserável. «A gente, agora, está a esperar...» — afirma confiadamente.

Do ponto de vista de Justiça Social ouvir desta classe de gente o verbo *esperar* é mais terrível, muito mais, do que escutar o verbo *reivindicar!*

A mulher abordara-nos, recentemente: «A minha filha casou. Tiveram de ficar em nossa casa... que precisa de ser aumentada. Mas...» Aquele *mas* fere mais do que a bofetada, a humilhação! Adiante.

— Ao menos, se puder, venha lá ver como q'ríamos a obra.

— Sim senhor.

Tónico para muitos iluminados

Domingo passado foi o dia. Seguímos por aí fora, até lá. E aproveitá-

mos a ocasião para visitar outros Pobres. Uma manhã cheia!

Estivemos à cabeceira de *tl* Laurinda, vítima de hemorragia cerebral, que espera a hora da Verdade. Bate-mos a outra porta. Aqui, além de recomendações, decidimos uma acção sanitária. As crianças eram uma lástima: terra seca por todo o corpo! A casa, uma estremeira! «*Estou a preparar as coisas prós lavar*» — diz a mãe. Ainda catámos uma pulga no rabito do bebé. E trouxemos uma data delas que seriam, também, um rico tónico para muitos iluminados...

Voltemos ao primeiro caso: Ele estava em casa. «*Sabe?, o enfesema, agora, não me deixa andar. Custa a respirar. E, daí, saio poucas vezes.*» Relata, depois, a história do casamento da filha: «*Ela andava a servir no Porto. Conheceu lá o rapaz, qu'é de Santarém. Não tem pai. A mãe é muito pobre. De maneira qu'ele mais outro, um dia, fugiram pr' Porto. Era criado de café. Namorou a minha filha. Casou. Eu não queria qu'ela viesse p'ra cá. Olhe: v. conhece a minha casa desde qu'a fiz... O home dela não é grande cousa! Foi ontem p'ré tropa. E ela já anda de barriga adiantada...*»

Lição de ordem e economia

Entretanto, visitámos os dois únicos compartimentos da casa. Tão pequenos! «*Aqui — na sala — dormem eles Ali, no quarto — tão pequeno! — eu e a minha mulher e meu filho, de 16 anos... De maneira qu'a gente queria levantar ali atrás outro quarto. Já tenho aqui a medida: 4x3 m. Só a placa fica por mais de um conto e quinhentos...!*»

A seguir cheirámos um anexo, que serve de cozinha, casa d'arrumos e adegal «*Com a minha calma, ao longo dos anos — e só quando posso — vou fazendo destes bicos.*»

Que delícia! No meio de tantas carências, o anexo e a própria casa são um mimo d'ordem e economia. Sobretudo com muitos arranjos, coisas que muito boa gente, de poucas posses joga no caixote do lixo! «*Claro, a minha mulher anda por lá ós dias. Com'é que nós poderíamos viver?! Aproveito tudo o qu'ela traz. Faz jeito.*»

Não lhe prometemos nada. A política do vicentino, materialmente, não é de promessas. Deus nos livre! Somos recoveiros deles — por Cristo. Agimos no estreito limite das nossas possibilidades... E a força desta acção — contestada por iluminados, com barriga cheia e bom tecto, evidentemente — reside precisamente no melhor que tentamos: dar a mão até onde for possível.

Aguardamos, entretanto, a comparticipação amiga dos nossos Leitores. «*Só a placa — diz o nosso homem — fica por 1.500\$00.*» E o resto? «*Deus acode na hora própria.*» Que ela não tarde a chegar — pela vossa mão.

Júlio Mendes

Crónica do «nosso» Moinho

Durante muitos anos sempre acreditei que muitos casais eram uma luz aberta na Terra e o Lar o local mais encantador de toda a Humanidade, sendo inventado por Deus à Sua semelhança, aliviando este o jubiloso género humano de viver na vida itinerante.

Vivi cerca de 15 dias quase, e só, com uma família que me deixou totalmente gravado no meu coração que num Lar só haverá Paz e Amor quando esta viver em mútua serenidade entre todos.

Tenho reflectido muito sobre esta família. Sendo pobre e vivendo com grandes dificuldades, por motivo de 11 filhos e afazeres do seu trabalho, nunca ouvi de outras bocas palavras tão doces como as deles! Dizia-me um dia a esposa esta linda frase: «Os meus

filhos são o fruto do nosso amor, vivido há muitos anos por nós».

Que lindo seria se, de todas as bocas, palavras doces como estas se ouvissem dizer por toda a parte do Mundo! Mas reconheço que isto não é fácil porque este tempo não bafeja a todos por igual. Este ensinamento a reflectir que nem sempre isto é verdade e que existem lares em ruínas, filhos à deriva e ao menosprezo e muitos casais desmantelados, como pequenos batéis perdidos nas águas do mar, tentando a todo custo salvar-se de um naufrágio.

É impressionante e, assim, ao penetrarmos no segredo da alegria deles, podemos descobrir todo o mistério do amor existente na Terra.

Amar não é só saber dizê-lo por palavras; é, sim, saber praticá-lo, é saber dar-se a si próprio no fluir do seu amor. Será assim, descobrindo como eles se amam que podemos compreender porque são tão felizes.

Cristo escolheu no mundo, como símbolo expressivo em sentimentos, a união total e definitiva entre dois seres na história da vida humana. Em todos os povos, sejam estes ou não de uma civilização adequada ao nosso tempo, Homem e Mulher procuram-se para a organização de um lar. Vós que sois uma família fazei que o vosso amor cresça constantemente. Descobri e contemplei a sós a mesma paisagem e contribuí para a felicidade e aproximação dos vossos corações.

Gostava eu de saber muito, gritar ao Mundo que seria belo que todos encontrassem a felicidade sem a menor inveja entre todos, pois a felicidade faz-se à força de ternura, de indulgência e de boa vontade.

Artur Teixeira Pires

TRANSPORTADO NOS AVIOES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



tários. «As batatas não dão pró trabalho!»... «nem para o gasóleo que a carrinha gastou da praia para cá...». E a rama tinha sido tão bonita! A colheita deste ano ficou muito abaixo da do ano passado e a sementeira foi maior. Depois destes trabalhos todos, talvez a terra tenha também direito à greve. Ainda assim recolhemos 700 arrobos.

PORCOS — Nas nossas pocilgas o movimento tem sido curioso. Há tempo, era grande a falta de leitões e o preço elevado. Tínhamos várias porcas para parir e ostentavam grandes barrigas. A satisfação dos tratadores e minha era grande, pois representavam grande lucro. As rações eram já muito caras. Chegou o momento de darem à luz, quase todas ao mesmo tempo e, grande decepção, as ninhadas foram pequenas. Diminuiu o custo dos leitões. A farinha de ração manteve o preço. Tínhamos mais porcas cheias sem serem mais barrigudas do que as outras. Começaram a nascer as ninhadas: doze, catorze, dezassete, e ontem nasceu mais uma de catorze leitões. Que eu saiba, nenhum habitante das pocilgas andou cá por fora estes tempos e os tratadores não são dados a falar da vida social lá dentro; por isso, não deve ser greve.

Lita

Paço de Sousa

CASAMENTO — No dia 18 deste mês foi o casamento do nosso «Tavira».

Pelas 11,30 h, toda a gente reuniu junto do cruzeiro, em frente da Capela, onde entrámos depois de um simples toque na sineta.

Durante a Missa o sr. Padre Abraão, na altura própria, e em nome da Igreja, testemunhou o casamento. A

seguir, o sr. Padre Carlos — como celebrante — fez uma homilia adequada, baseada nos textos litúrgicos da celebração.

A saída da Missa, como habitualmente, noivos e convidados foram tirar fotografias. E, depois, a boda. Comemos e bebemos um lauto almoço. E, no fim, os noivos repartiram o bolo pelos convidados.

Tudo correu bem graças a Deus. Mais um casamento de um irmão nosso! Desejamos ao novo casal muitas felicidades.

VISITAS — No próprio dia do casamento tivemos a visita do Adriano Mota, ex-«Esticalho», que foi de Paço de Sousa e se encontra a viver em Luanda.

Há dias, recebemos, ainda, outra visita: o Adriano Nunes Castanheira, que foi da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e, depois, do Lar do Porto. Ele, mulher e filha passaram dois dias connosco.

TRIBUNAL — Vieram embora quatro rapazes da nossa Colónia de Férias de Azurara. Foram desonestos num bar e um deles apanhou um rádio noutro lado.

Perante a Comunidade, no fim do Terço, sofreram — em tribunal — o merecido castigo e, além disso, não gozarão férias no próximo ano.

Esperamos que não voltem a suceder casos deste género nos próximos turnos. E tudo corra na melhor ordem.

PISCINA — Todos os dias há banho, excepto na quarta-feira e sábado, porque a malta lava-se no balneário.

A água da piscina tem sido tratada com um líquido especial, para se manter limpa. E tem dado muito resultado.

PECUÁRIA — Uma das nossas vacas deu à luz um vitelo morto e defeituoso. Nasceu só com um olho em ponto grande, em plena parte

frontal junto aos chifres! Mistérios da Natureza...

UM PEDIDO

Nós, os alfaiates, queremos trabalhar e não podemos! São tantas as costuras, as calças para os rapazes, mas, sem linhas, nada podemos resolver...

Temos algum pano, mas não há linhas. Queremos aprender mais e progredir, mas não há linhas. Queremos vestir-nos e vestir os outros, mas não há linhas. Então, pensámos: se revelássemos este problema aos nossos Leitores... seremos atendidos? E, assim, cá estamos.

Agora, só nos resta esperar — porque tudo leva o seu tempo.

Não importa só a quantidade, as cores também interessam.

Sempre que puderem visitar-nos, batam à porta da alfaiataria — que vos pede linhas. Obrigado e até sempre.

Os Alfaiates

«Eusébio»

LAR DE COIMBRA

ANO ESCOLAR — Ainda se duvida se terá terminado este ano lectivo. Pelo menos cá em Casa já findou e quase todos tiveram férias.

Não discuto se o aproveitamento foi melhor ou pior, pois é já assunto muito batido e por pessoas com muito mais autoridade no assunto. Mas acho que devo dar a minha opinião: foi um «bodo os pobres». E, dadas as facilidades, não houve este ano «chumbos» entre a malta, o que seria uma interrogativa se tudo fosse normal.

A crise do papel — da qual não se vislumbra solução a curto prazo — obrigou-nos a suspender, durante alguns meses, a impressão do livro «Doutrina», há muito esgotado. Mas vamos recomeçar: o papel já chegou!

Se a reedição de «O Barredo» — e de todos os outros — foi aguardada com ansiedade, que dizer do «Doutrina»? É uma obra actualíssima. E contamos lançá-la no princípio do ano que vem, se Deus quiser.

AQUI LISBOA

Continuação da PRIMEIRA pág.

serviço dos marginais ou dos deserdados da fortuna, por culpa própria ou alheia. Ao Estado pede-se que coordene, fiscalize e ajude, mas não se pode admitir que absorva totalitariamente a iniciativa privada, o que, a dar-se, seria a supressão da liberdade e o estancar de muitas doações de vidas e generosidades, deixando um vazio impossível de preencher.

Sabemos que há muitos utopistas, pensando solucionar as questões que se põem, a régua e a esquadro, à mesa das secretárias, sentados em confortáveis poltronas, discutindo técnicas e resolvendo como simples equações todos os assuntos. Triste ilusão, pois que os problemas humanos se resolvem humanamente, caso por caso, enquadrados certamente em princípios gerais, mas atendendo sempre que cada pessoa é individual.

Por aqui nos ficamos hoje, com a promessa de voltarmos ao assunto. Que fique a certeza, porém, de que não estamos grudados ao lugar; e que o nosso maior sonho seria o da chegada da aurora em que já não fôssemos precisos neste posto. E descansem que não ficaremos «desempregados»!

Padre Luiz

Os livros de Pai Américo

Opinião dos Leitores

Ninguém fica insensível — com os olhos da alma — perante os livros da autoria de Pai Américo; ninguém! «A leitura é de interesse, sempre, — comenta uma lisboeta — sempre e de tal maneira que não apetece interrompê-la...»

A correspondência dos Leitores é riqueza incomensurável! Perguntas. Respostas. Perspectivas. Opinião. Tão apaixonante, que resolvemos calar o bico e ouvir — acerca d'algumas obras devoradas:

1 «Obrigada pelo livro que me enviaram, «O Barredo», que encheu a minha alma de espanto; espanto pelas condições desumanas em que vivem tantos dos nossos irmãos e espanto pelos actos de heroicidade vividos por esses mesmos irmãos. E tantos Barredos espalhados por este mundo, que se procura ignorar porque eles incomodam! Isto tem sido no nosso Portugal.

Será que, a partir de agora, os habitantes dos Barredos poderão ter esperança numa vida digna? Eu creio que Deus dá aos homens aquela chama de amor que atrai cada irmão entre si numa caminhada para o Pai. Assim nós sabemos e queiramos entender...»

2 «Só hoje venho acusar a recepção do livro «O Barredo» e agradeço-vos muito não se esquecerem de mim, sempre que é editado um livro de Pai Américo.

A leitura é de interesse, sempre, sempre e de tal maneira que não apetece interrompê-la...

Ela chama-nos, acorda-nos e se por vezes nos rimos, com maior frequência as lágrimas correm...»

3 «Li «O Barredo» e fiquei estarrecido com tanta fome, tanto desamparo, tanto sofrimento. Nunca julguei.

Já sou do tempo daquelas crónicas, sei o que se passava, mas nunca julguei que fosse tanto.

«O Barredo» é o livro mais terrível de Padre Américo.

Uma dúvida me assalta o espírito. Quais as condições actuais daquele bairro, daquela gente? Elas eram tão más, tão más que será impossível que não tenham melhorado desde então. Mas até que ponto? Que diferença haverá ainda em relação ao esbanjamento e à ostentação que por aí vai?»

4 «Recebi, há dias, «O Barredo», que muito agradeço. O que há de novo para mim nesse livro é a grande caridade do Padre Américo. Porque a miséria nele descrita não é para mim nova, por ter vivido muito

perto dum Barredo. E era um Barredo mais pequeno, mas também muito grande na desgraça e na desolação. Foi então minha mãe para aquela pobre gente a tábua de salvação, a porta sempre aberta...»

5 «Do coração vos agradeço a 2.ª edição do livro «Viagens». Como velho assinante de «O Gaiato», claro que já tinha tido o prazer de me engolfar na leitura da 1.ª edição, como é normal sempre que recebo uma visita do querido Pai Américo. Desta vez, porém, os ventos não correram de feição. Assoberbado com trabalho e também por se tratar de uma 2.ª edição, resolvi deixar a sua leitura para a ocasião das minhas férias a que vou dar início.

Mas o que não tem uma coisa

com a outra é o pagamento do precioso livro, se é que de pagamento se pode aqui falar a propósito de uma Obra que não tem preço e de um valor tão alto que não pode ser avaliado em meros símbolos de riqueza. É talvez por estarmos confundindo os cómodos símbolos de riqueza com a verdadeira riqueza das Casas do Gaiato, que vão continuando a ser necessárias para obviarem, infelizmente só em parte, às mazelas de um organismo social gravemente enfermo, mas ainda perfeitamente curável graças à Ciência, à tecnologia e às numerosas fontes de energia actualmente existentes à nossa disposição. O que num passado não muito distante era materialmente impossível, por carência de recursos (não confundir com símbolos de riqueza), é agora perfeitamente realizável e só falta que um novo tipo de sociedade apareça com base no amor do próximo e apoiado na doutrina do Pai Américo...»

Júlio Mendes

NOTAS DO TEMPO

Cont. da PRIMEIRA página

muita gente vai facilmente atrás da cantiga.

Virtude em vida é coisa muito séria. Depois da morte cozinha-se de pé para a mão. Tem lugar aqui a «Receita para fazer um herói» do poeta moçambicano Reinaldo Ferreira:

Tome-se um homem,
Feito de nada, como nós,
E em tamanho natural.
Embeba-se-lhe a carne,
Lentamente,
Duma certeza aguda, irracional,
Intensa como o ódio ou como
[a fome.

Depois, perto do fim,
Agite-se um pendão
E toque-se um clarim.

Serve-se morto.

● Povo... — Quem é o Povo? Eis uma definição urgente e prévia a muitas outras. Há que fazê-la.

Não me parece que o silêncio ou o não-silêncio pertençam à essência do definido; embora, imediatamente, seja, decerto, um elemento de distinção.

Tomar por Povo minorias que falam, que se manifestam ruidosa, precipitada, caoticamen-

te, antes de tomarem consciência dos problemas, da sua gravidade; de reflectirem suficientemente sobre pistas possíveis de solução?... Muitos que, talvez, nem sequer tenham ainda amadurecimento para essa tomada de consciência?

Lembro-me de um pai que achou nos «documentos» de um filho a sair da adolescência (segundo a idade) esta palavra de ordem: «Irrita o teu pai. Mesmo que te custe, irrita-o. Irrita-o sempre».

Irritar, etimologicamente, significa tornar nulo. «Irrita o teu pai...» Anula a autoridade dele. Atrás, outras autoridades serão arrastadas à nulidade. Anula a ordem experimentada ao longo de séculos — com erros a corrigir, com virtudes a conservar. Anula...

Desgraçada da Nação cujo verbo fosse: Aniquila!

O jovem gasta-se em reuniões até altas horas. Dorme até ao meio-dia ou mais. Come e bebe e veste e gasta do que pai e mãe ganham em trabalho sem pausa. — Será Povo?

Quem deu credenciais a tanta gente que fala? Que credenciais pode muita dela exhibir das suas próprias obras-feitas?

O silêncio pode e deve ser activo. Assim será fecundo. A seu tempo gerará pensamento e dará à luz o verbo que o exprime.

Aguardo uma definição. E urgente uma definição. Entretanto, para mim, Povo são aqueles milhões silenciosos e ordeiros, a quem se ajude a discernir (não a confundir!) para dizerem na hora própria uma palavra decisiva — aqueles milhões que regam com o seu suor desde o nordeste transmontano às hortas algarvias que alimentam os turistas.

Padre Duarte

Lar Operário em S. Domingos

● Não sei quando foi a última crónica do nosso Lar. Hoje temos vontade de informar os queridos leitores de tudo o que tem sido objecto do carinho e da colaboração dos que estão sempre connosco. Queremos dar notícias para a rua das Amoreiras, para Paço d'Arcos, Castelo Branco, rua Damão, Fonte de Contumil, Aguada de Baixo, Vila Nova de Gaia, Mãe da Leninha e sei lá para onde e quem mais...

A primeira preocupação vai continuamente para os nossos

rapazes. Toda a gente grita que os tempos estão difíceis, que a juventude está impossível e que não há receptividade de educação. Não lançamos foguetes, nem colocamos arcos embandeirados, mas também não dizemos mal dos que um dia foram recebidos no Lar de S. Domingos.

Os dois mais novos aproveitaram nos estudos. As classificações de 18 e 15 valores indicam que não foram beneficiados pelos privilégios da hora presente. Os outros entregaram-se a valer à aprendizagem do ofício que escolheram e todos mereceram dos seus mestres, pelo menos 15 dias de férias.

Dá-nos vontade de dizer que ninguém está de parabéns, mas todos nos sentimos recompensados. Os que de qualquer modo

acarinham o Lar de S. Domingos, podem ficar tranquilos pois tudo se aproveitou o melhor possível.

● A «Casa de S. José» continua dentro do nosso coração. Escrevemos a uns, falámos a outros e chamámos ali alguém que nos desse um parecer. A obra não oferece dúvidas, a finalidade é aliciante, os futuros ocupantes estão à espera de vez. Somente temos a impedir caminho a grande dificuldade do acesso. Entretanto a Odete já se está a preparar para ser mais útil na «Casa de S. José». Guardamos, como coisa sagrada, os donativos que para ali nos vão chegando, até ao momento de tudo se dispor em movimento. Contamos em breve que se realize

mais um curso de corte. Serão precisas máquinas de costura? Será preciso quem ensine? Haverá despesas de luz, de alimentação, etc.?

Estamos certos de que também não faltará quem nos ajude a resolver estas dificuldades.

● A pequena do Magistério vai começar a trabalhar em Outubro. Mais uma vez se verificou que é passado o tempo em que só era esmola dar um pouco de pão. Era bastante dar o peixe, mas é muito mais dar a cana e ensinar a pescar. Acresce a tudo isto o valor de não se conhecerem nem protegidos nem protectores. Importa fazer o bem e ainda desta vez sem saber a quem.

